



Atas do
V Seminário Internacional
Vulnerabilidades Sociais e Saúde
*“Trabalho, Saúde Mental e Integração Social:
Vulnerabilidades e Transições em Tempos de Incerteza”*

*Campus do IPS,
Setúbal*

23, 24 e 25 de março de 2023

<http://www.seminariovss.ips.pt>

Atas do V Seminário Internacional
Vulnerabilidades Sociais e Saúde
*“Trabalho, Saúde Mental e Integração Social: Vulnerabilidades e
Transições em Tempos de Incerteza”*

Editores:

Ana Paula Gato (ESS/IPS)

Andreia Ferreri Cerqueira (ESS/IPS)

Edgar Canais (ESS/IPS)

José Rebelo (ESCE/IPS)

Sandrina B. Moreira (ESCE/IPS)

Victor Barbosa (ESCE/IPS)

Instituto Politécnico de Setúbal

Apoio financeiro do CIDEHUS (UIDB/00057/2020)



O presente volume integra textos referentes a comunicações apresentadas no V Seminário Internacional Vulnerabilidades Sociais e Saúde - *“Trabalho, Saúde Mental e Integração Social: Vulnerabilidades e Transições em Tempos de Incerteza”*, realizado nos dias 23, 24 e 25 de março de 2023, no Instituto Politécnico de Setúbal.

Título: Atas do V Seminário (III Internacional) Vulnerabilidades Sociais e Saúde
“Trabalho, Saúde Mental e Integração Social: Vulnerabilidades e Transições em Tempos de Incerteza”

Editores:

Ana Paula Gato (ESS/IPS)

Andreia Ferreri Cerqueira (ESS/IPS)

Edgar Canais (ESS/IPS)

José Rebelo (ESCE/IPS)

Sandrina B. Moreira (ESCE/IPS)

Victor Barbosa (ESCE/IPS)

Primeira edição, em formato eletrónico, dezembro de 2023

ISBN: 978-989-35377-0-1

Editores: Instituto Politécnico de Setúbal

Comissão Científica

Ana Paula Gato, ESS-IPS; CIDEHUS-UÉ
Andreia Ferreri Cerqueira, ESS-IPS; NURSE'IN
António Marques, ESS-IPS; CIAS
Daniela Lima, ESCE-IPS
Edgar Canais, ESS-IPS; NURSE'IN
João Areosa, ESCE-IPS
José Rebelo dos Santos, ESCE-IPS; CICE; CIDEHUS-UÉ
Laurinda Abreu, UÉvora; CIDEHUS-UE
Liliana Pitacho, ESCE-IPS
Lino Ramos, ESS-IPS
Lucília Nunes, ESS-IPS; NURSE'IN
Manuel Lopes, UÉvora; CICTS-UE
Olga Costa, EST SETÚBAL-IPS
Paula Leal, ESS-IPS
Pedro Belo, IPS
Sandrina B. Moreira, ESCE-IPS; CICE e BRU-IUL
Victor Barbosa, ESCE-IPS

Comissão de Honra

Presidente do IPS – Angela Lemos
Diretora do CIDEHUS - Fernanda Olival
Inspetora-Geral da ACT - Maria Fernanda Ferreira Campos
Coordenador do Programa Nacional de Saúde Ocupacional - José Manuel Rocha Nogueira

Comissão Organizadora

Ana Paula Gato (ESS/IPS)
Andreia Ferreri Cerqueira (ESS/IPS)
Edgar Canais (ESS/IPS)
José Rebelo (ESCE/IPS)
Sandrina B. Moreira (ESCE/IPS)
Victor Barbosa (ESCE/IPS)

Índice

Editorial	1
PARTE I – DESAFIOS PARA A SAÚDE	2
Saúde Mental nos Tempos que Correm: Breve reflexão sobre Fragilidades Emocionais Ocultadas.....	3
Saúde Mental em Portugal - um olhar específico sobre a Área Metropolitana de Lisboa	10
Saúde Mental nos estudantes do ensino superior em tempos de pandemia: Impacto das estratégias de Coping..	18
Quem são e porque não as vemos nem as ouvimos? Percursos de uma investigação sobre mulheres com comportamentos aditivos e dependências e o papel dos serviços da saúde na comunidade	32
Adoção de estilos de vida saudáveis na adolescência - O desafio da Intervenção Escolar.....	40
Cuidador Informal - Intervenção dos profissionais de Enfermagem	48
O sofrimento psicológico da pessoa com doença oncológica: a intervenção do enfermeiro face à situação de incerteza.....	60
Como lidam os/as Enfermeiros/as de Oncologia com a exigência psicoemocional do contexto?	72
Cuidados de Enfermagem à Pessoa Idosa com Risco de Queda em Unidades de Cuidados Continuados	88
Alimentação por Sonda Nasogástrica na Pessoa com Demência Avançada: Um Desafio para os Profissionais de Saúde	98
PARTE II – DO TRABALHO E DA SAÚDE MENTAL.....	107
Inclusão dos Trabalhadores com Deficiência na Função Pública.....	108
A "reeducação profissional de aleijados e estropiados" em Portugal na 1ª República	116
De novo acerca do desemprego e da felicidade (em Portugal)	130
O <i>burnout</i> em contexto de teletrabalho: Uma questão meramente psicológica?	138
As Organizações da Economia Social e o Trabalho Digno	152
Trabalhadores migrantes e direito à saúde ocupacional.....	166
Migração, Desemprego e Saúde Mental: Vivência laborais de venezuelanos em situação de desemprego no Brasil	182
Conflitos de papéis em contexto laboral. O caso dos trabalhadores-estudantes	191
A Clínica do Trabalho em Serviços de Clínica-Escola: relato de experiências em três universidades públicas brasileiras.....	205
A Perceção do Clima de Segurança por Trabalhadores Portugueses.....	216
Riscos Psicossociais e o Isolamento Social Consequências e implicações no desenvolvimento da saúde e segurança no trabalho	231

De novo acerca do desemprego e da felicidade (em Portugal)

António Caleiro, Universidade de Évora: Departamento de Economia, caleiro@uevora.pt

Resumo

As doenças do foro mental são, pela sua natureza, uma justificada preocupação de saúde pública. A tendência crescente da incidência deste tipo de patologias apresentou, em muitos países, um pico associado à (mais) recente crise pandémica. Uma das potenciais explicações, ainda que parcial, para aquele pico é a que se baseia na associação do agravamento daquelas doenças aos efeitos que a crise pandémica teve sobre a economia, nomeadamente sobre o mercado de trabalho. Assim, na primeira parte deste trabalho (de Economia da Saúde) apresenta-se a evolução da carga global das doenças mentais, e, na segunda parte, atualiza-se a relação existente entre a felicidade e o desemprego (em Portugal).

Palavras chave: Desemprego, Felicidade, Portugal, Saúde Mental

Abstract

Mental illnesses are, by their nature, a justifiable public health concern. The growing trend in the incidence of this type of pathology showed, in many countries, a peak associated with the (most) recent pandemic crisis. One of the potential explanations, albeit partial, for that peak is based on the association of the worsening of those diseases with the effects that the pandemic crisis had on the economy, namely on the labor market. Thus, in the first part of this work (of Health Economics) the evolution of the global burden of mental illnesses is presented, and, in the second part, the existing relationship between happiness and unemployment (in Portugal) is updated.

Keywords: Unemployment, Happiness, Portugal, Mental Health

Introdução

As doenças do foro mental apresentam, como é sabido, uma carga global – medida, por exemplo, pelos anos de vida ajustados pela qualidade – significativa, o que as torna (ou, deve tornar) uma preocupação de saúde pública. A tendência crescente daquela carga, a qual caracteriza a generalidade dos países, apresentou um pico associado à (mais) recente crise pandémica. Uma das potenciais explicações – certamente não a única nem, eventualmente, a de maior importância – para aquele pico é a que se baseia na associação do agravamento daquelas doenças, em geral, aos efeitos que a crise pandémica teve sobre a economia, nomeadamente sobre o mercado de trabalho.

Perante o contexto atrás referido, usa-se uma abordagem de Economia da Saúde neste trabalho que se divide em duas partes.

Na primeira parte, de carácter geral, procede-se da seguinte forma: em primeiro lugar, apresenta-se a evolução da carga global das doenças mentais, procedendo a uma separação por género e por níveis de desenvolvimento socio-demográfico.

Na segunda parte, de carácter particular, revisita-se um trabalho anterior sobre a relação existente entre a felicidade e o desemprego (em Portugal). A anteriormente detetada, relação de natureza inversa entre aquelas duas variáveis é alvo de uma atualização e discussão. Para tal apresenta-se a evolução de algumas medidas de bem-estar (subjeto), nomeadamente o nível de felicidade e de satisfação com a vida e com o trabalho, procedendo, igualmente, à separação por género; em terceiro lugar, investiga-se a, eventual, relação entre a taxa de desemprego e os níveis de bem-estar (subjeto).

A evolução da carga global das doenças mentais

Começamos por mostrar a evolução dos anos de vida ajustados pela qualidade – os, chamados, «Disability-Adjusted Life Years» (DALYs)⁴⁰ – associados às doenças do foro mental. Conforme a Figura 1 mostra, a carga global destas patologias tem vindo a aumentar, sendo também mais evidente no género feminino e, aparentemente, mais nos países com um maior nível de desenvolvimento socio-demográfico (SDI).⁴¹

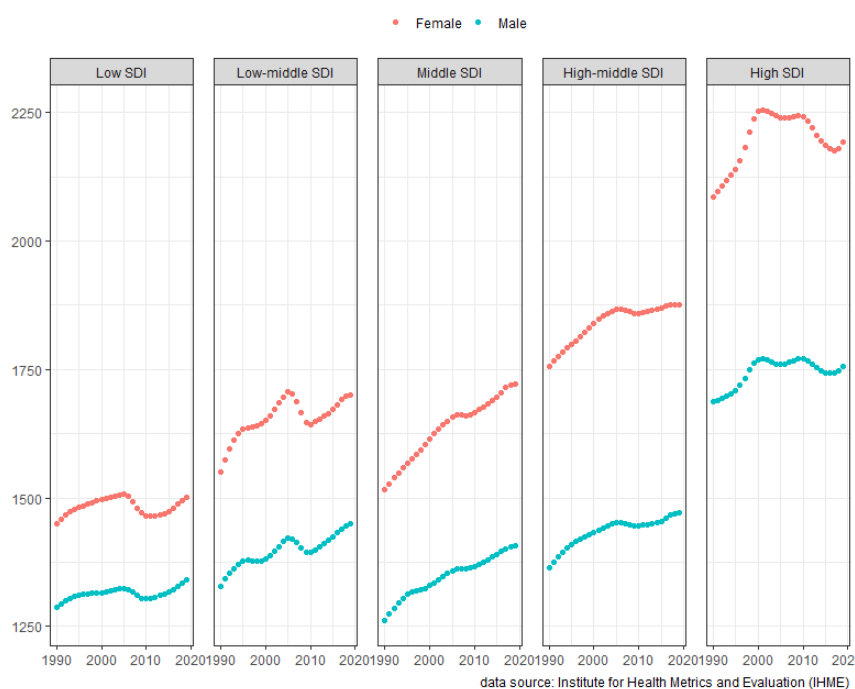


Figura 1. A evolução dos DALY, por nível socio-demográfico, e por género

⁴⁰ Um DALY representa a perda do equivalente a um ano de plena saúde. Assim, esta medida da carga global das doenças resulta da soma dos anos de vida perdidos devido à mortalidade prematura (YLLs) e com os anos vividos com incapacidade (YLDs). Sendo certo que a base de cálculo dá origem ao número total de DALYs, torna-se mais correto relativizar o total, considerando as suas taxas (em relação a 100 000 habitantes) ou a sua proporção (em relação ao total das doenças).

⁴¹ Pelo que se referiu na nota de rodapé anterior, decidiu-se apresentar os valores, em termos das suas taxas. Por uma questão de espaço, não se apresentam as figuras para os YLLs nem para os YLDs. No entanto, estas figuras estão disponíveis, a pedido, junto do autor.

Na verdade, tal como a Figura 2 mostra, não é, necessariamente, nos países com maior nível de desenvolvimento humano que este género de doenças envolve a maior carga global. Veja-se o caso de Portugal (na Figura 2).

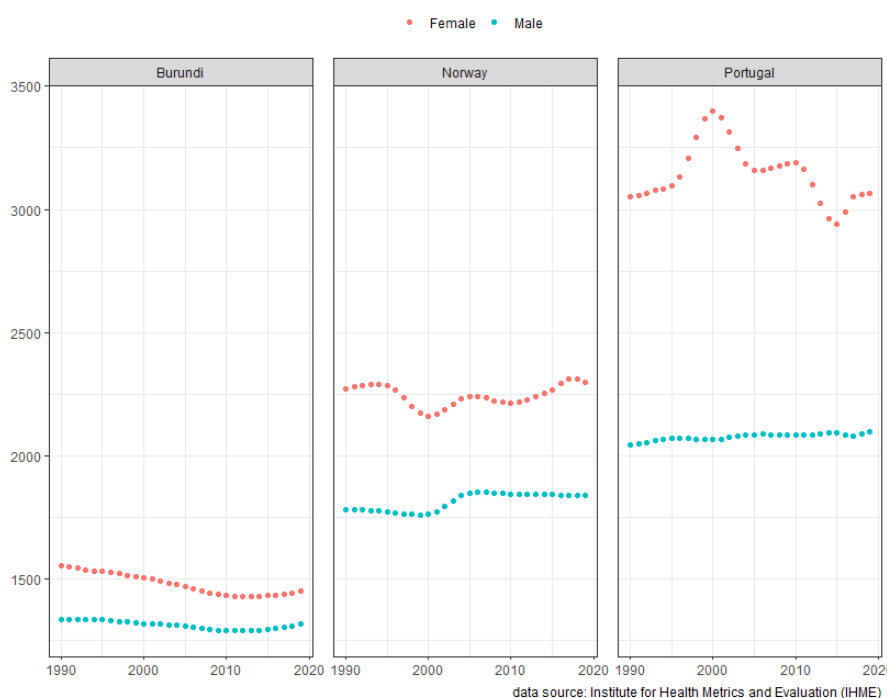


Figura 2. Os DALY, por nível de desenvolvimento humano (em 2019): Burundi (menor); Noruega (maior); Portugal

A evolução da carga global das doenças do foro mental, com as naturais consequências sobre a diminuição dos níveis de bem-estar subjetivo, nomeadamente, a satisfação com a vida e o nível de felicidade, levanta, por isso, a questão da análise dos fatores relevantes no sistema de interações entre os elementos em causa.

De entre aqueles fatores, destacam-se, neste trabalho, os associados ao mercado de trabalho, nomeadamente o desemprego, enquanto fonte de infelicidade e, assim, fonte, também, de alguns tipos de estados depressivos, eventualmente catalisadoras de maiores dificuldades na entrada/retoma no mercado de trabalho. Por outro lado, é também sabido que a insatisfação com o trabalho/emprego que se possui, sobretudo em determinadas profissões e/ou momentos profissionais, pode associar-se a episódios do, chamado, *burnout*.

Assim, pretende-se, de seguida, abordar, de uma forma assumidamente exploratória, estes assuntos, destacando o caso de Portugal.

A relação entre a felicidade e o desemprego (em Portugal)

Como é sobejamente conhecido, o nível, ou sua taxa, de desemprego é um dos agregados macroeconómicos a que, se poderia dizer, desde sempre, a ciência económica dedicou a sua atenção. Assim, não é de surpreender que existam dados estatísticos sobre esta série para a grande maioria dos países, nalguns casos, mesmo com frequências trimestrais, ou mesmo, mensais, desde momentos muito distantes no passado.⁴²

Também em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) é (relativamente) fácil dispor de dados estatísticos, embora, geralmente, de frequência anual, muitas vezes também desde momentos muito distantes no passado.⁴³ Em relação a este agregado macroeconómico surgiram, no início da década de 70 (do século passado), algumas críticas, das quais resultou a proposta da criação de um outro agregado, a Felicidade Interna Produzida (FIB),⁴⁴ o qual refletiria mais componentes do que a simples criação de riqueza, tal como é considerado no PIB.

No seguimento daquela proposta de inclusão de aspetos não-económicos do bem-estar, alguns autores e, posteriormente, alguns órgãos (oficiais) de produção de estatísticas começaram, de uma forma sistematizada, o processo de recolha e processamento de variáveis estatísticas associadas ao nível de bem-estar subjetivo, nomeadamente a felicidade e a satisfação com a vida.

De entre as possíveis fontes de dados daquela natureza, destacam-se:

- Happy Planet Index (<https://happyplanetindex.org/>) – O valor do Índice de Felicidade do Planeta (IFP) contempla as vertentes do bem-estar (BE), da esperança de vida (EV) e da pegada ecológica (PE), sendo obtido de acordo com a expressão $IFP = \frac{BE \cdot EV}{PE}$. Registe-se que, em 2019, o nível de correlação entre o IFP e a esperança de vida foi de, aproximadamente, 0,46, sendo (ainda) maior, i.e., aproximadamente, 0,75, entre o IFP e o nível de bem-estar.
- World Happiness Report (<https://worldhappiness.report/>) – De acordo com esta organização, o nível de felicidade depende do Produto *per capita*, do Suporte Social,

⁴² Por exemplo, para o caso de Portugal, é (relativamente) fácil aceder aos valores trimestrais da taxa de desemprego, desde 1977, no sítio do Banco de Portugal, e aos valores mensais, desde 1983, no sítio do Eurostat. Naturalmente, os valores da taxa de desemprego, em termos anuais, datam de muito antes.

⁴³ A este propósito, pela análise que se segue, resulta ser interessante constatar que, dada a disponibilidade dos dados, torna-se possível a análise da, chamada «lei de Okun», i.e. da relação (empírica) entre a taxa de crescimento (do PIB) e a variação da taxa de desemprego. Para o caso de Portugal, pode consultar-se Caleiro (2018).

⁴⁴ Alegadamente, o termo «Felicidade Interna Bruta» foi conceptualizado pelo 4º Rei do Butão, Jigme Singye Wangchuck, em 1972. Como é sabido, o Butão foi, desde sempre, associado a um dos países mais felizes do mundo, embora o seu PIB *per capita* não fosse/seja particularmente elevado.

da Esperança de Vida (Saudável), da Liberdade, do nível de Corrupção e da Generosidade. No período 2017-2019, no que diz respeito ao nível de felicidade, o nível de correlação mais elevado, i.e., aproximadamente, 0,77, registou-se em relação à esperança de vida saudável.

- Eurostat (<https://ec.europa.eu/eurostat/>) – Para este órgão estatístico oficial da União Europeia, o indicador calculado é a Satisfação com a Vida, a qual, depende, entre outros fatores, da Satisfação com o Trabalho/Emprego.

Considere-se especificamente o caso de Portugal e, para ter o maior número de observações possível, o nível de satisfação com a vida, de acordo com o Eurostat. A Figura 3 mostra que, aparentemente, o mesmo decresce com a idade e com o nível de escolaridade, existindo também alguma diferença entre os géneros.

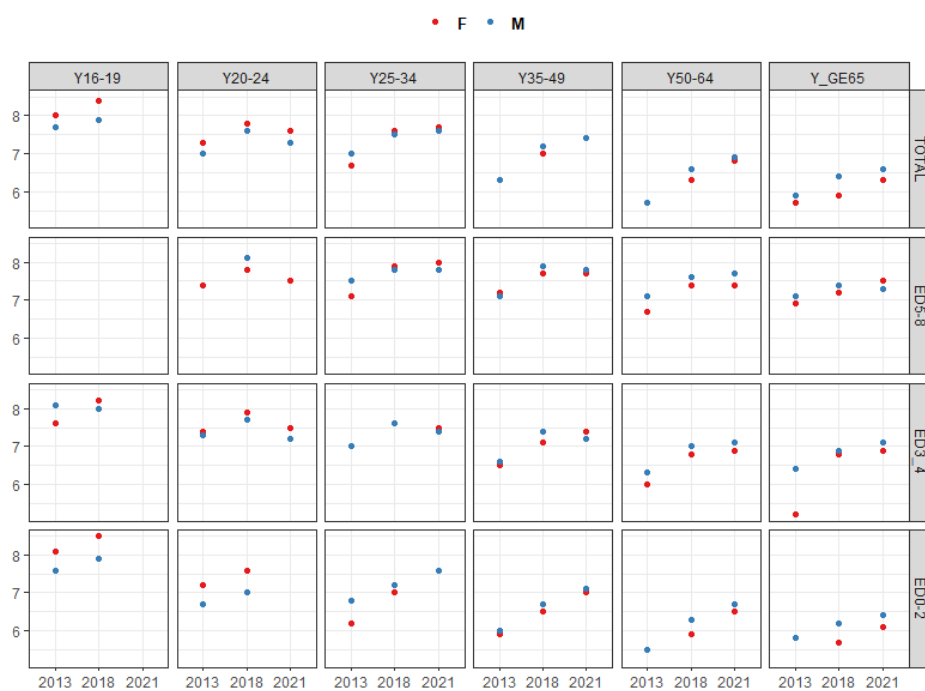


Figura 3. A evolução da satisfação com a vida, por género, idade e escolaridade, em Portugal

Já no que diz respeito à satisfação com o trabalho, a realidade é muito diversa e o bastante reduzido número de observações não nos permite afirmar, por enquanto, nada de seguro. Veja-se a Figura 4.

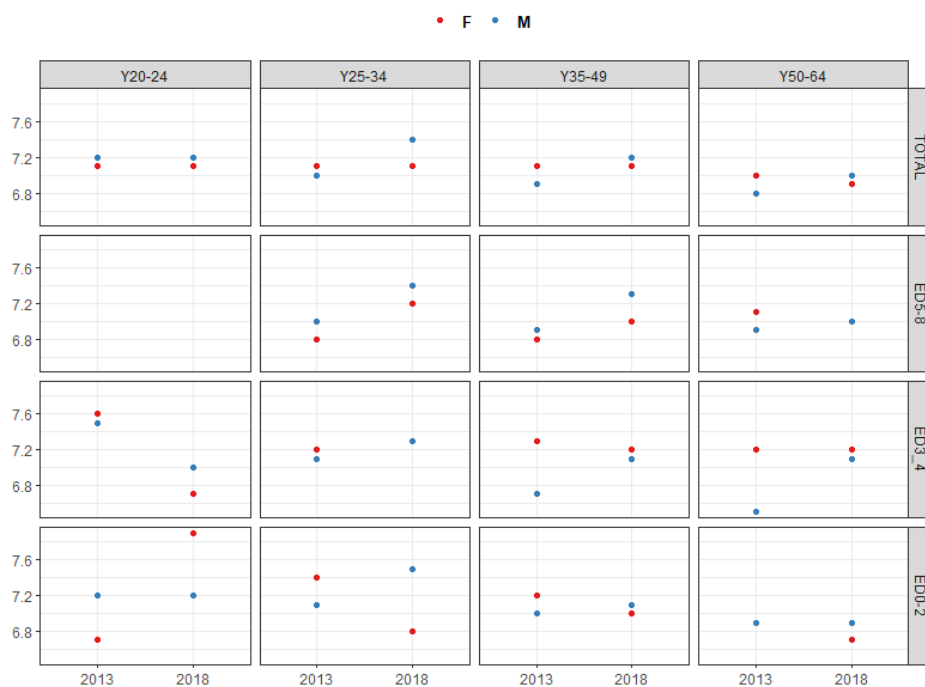


Figura 4. A evolução da satisfação com o trabalho, por género, idade e escolaridade, em Portugal

Conforme é evidente, a ocupação de um posto de trabalho pode associar-se, de facto, a níveis de insatisfação, em resultado de baixos níveis de salários (Theodossiou, 1998) e/ou de ambientes de trabalho tóxicos,⁴⁵ sobretudo quando acrescidos de níveis de *stress* ou, mesmo em casos extremos, de *burnout*. Todavia, igualmente evidente, há que ter em conta que a não ocupação de um posto de trabalho, enquanto sinónimo de desemprego forçado, acarreta também insatisfação, com eventuais consequências a nível mental.

Assim, a literatura tem dedicado alguma atenção às consequências do desemprego sobre os níveis de bem-estar subjetivo (Eichhorn, 2013; Helliwell e Huang, 2014; Mikucka, 2014; van der Meer, 2014), sendo quase consensual no que diz respeito ao carácter adverso daquelas consequências. Esta concordância nos resultados acerca das consequências do desemprego estende-se aos estudos que consideraram, em particular, o nível de felicidade (Clark e Oswald, 1994, Winkelmann e Winkelmann, 1997), continuando a ser alvo de atenção recente, por parte da literatura (Acosta-González e Marcenaro-Gutiérrez, 2023; Aral e Bakır, 2022; Barros et al., 2019).

Tanto quanto sabemos, Caleiro (2012) continua a ser a única referência sobre relação existente entre a felicidade e o desemprego, em Portugal. Decorrida mais de uma década, a relação de natureza inversa entre aquelas duas variáveis ali detetada deverá ser alvo de uma atualização,

⁴⁵ Para uma abordagem desta questão às instituições de ensino superior, pode consultar-se Caleiro (2019).

i.e. de verificação da sua in/existência atualmente. Por insuficiência de dados mais recentes sobre o nível de felicidade, em Portugal, esta verificação será feita de forma aproximada, considerando o nível de satisfação com a vida. Veja-se a Figura 5.

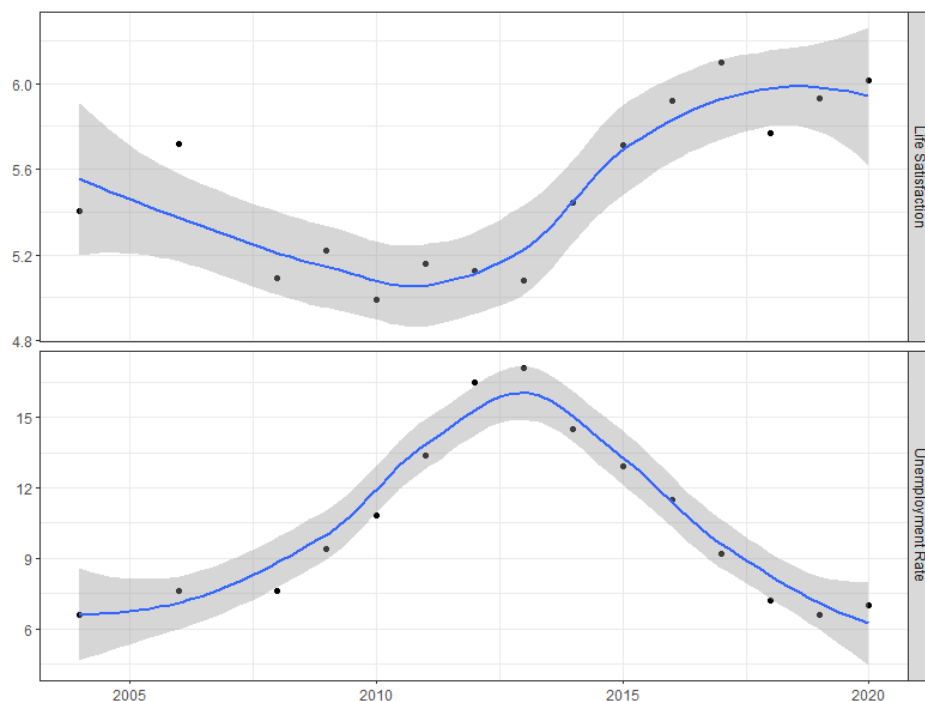


Figura 5. A evolução da satisfação com a vida e do desemprego

Uma simples inspeção visual da Figura 5 permite reconhecer que, de facto, continua a ser válida a existência de uma relação inversa entre a taxa de desemprego e o bem-estar subjetivo, em Portugal.

Conclusão

As doenças do foro mental têm vindo a apresentar um acréscimo significativo na sua carga global, na generalidade dos países, sendo certo que são importantes fatores como o género, a idade, o nível de escolaridade e, mesmo, o nível de desenvolvimento humano ou sociodemográfico do país em causa.

Perante aquele contexto, complementou-se a análise através da verificação de como o nível de felicidade, aproximado pelo nível de satisfação com a vida, se relaciona com o desemprego, em Portugal. Pôde confirmar-se que continua a existir uma relação inversa entre estas duas variáveis.

O carácter exploratório deste trabalho acarreta que este apresente várias limitações, desde logo a inexistência do estudo de relação de causalidade entre as variáveis em causa. De facto,

podendo ser plausível aceitar que o desemprego se apresenta como variável explicativa, é também possível de considerar que, em termos de causalidade inversa, a existência de problemas do foro mental se apresentem como fatores explicativos (e explicados) do desemprego. Naturalmente, o estudo destas relações sistémicas deveria ser, se possível, apoiado em micro-dados, os quais são, reconhecidamente, de difícil acesso.

Bibliografia

- Acosta-González, H. Nicolás e Marcenaro-Gutiérrez, Oscar D. (2023). What drives unhappiness? A cross-country analysis. *International Social Science Journal*, 00, pp. 1-17. <https://doi.org/10.1111/issj.12442>
- Aral, Neşe e Bakır, Hasan (2022). A Spatial Analysis of Happiness. *Panoeconomicus*, 00, pp. 1-18.
- Barros, André, Dieguez, Teresa e Nunes, Pedro (2019). How Unemployment May Impact Happiness: A Systematic Review. Christiansen, Bryan, Sysoeva, Irina, Udovikina, Alexandra e Ketova, Anna (Eds), *Emerging Economic Models for Global Sustainability and Social Development*. Hershey PA: IGI Global. pp. 237-259.
- Caleiro, António (2012). Unemployment versus Happiness in Portugal. Bento-Gonçalves, António José e Vieira, António Avelino Batista (Eds), *Portugal: Economic, Political and Social Issues*. New York: Nova Science Publishers. pp. 113-123.
- Caleiro, António Bento (2018). Crescimento Económico e Desemprego em Portugal: Que relações e desde quando?. Mendonça, António, Silva, Joaquim Ramos, Brito, José Maria Brandão de, Godinho, Manuel Mira e St. Aubyn, Miguel (Coords), *Estudos de homenagem a José Silva Lopes*. Coimbra: Edições Almedina. pp. 559-574.
- Caleiro, António Bento (2019). On how can higher education institutions contribute, or not, to the success, or not, of public policies of social cohesion. *Desenvolvimento & Sociedade – Revista Interdisciplinar em Ciências Sociais*, 6, pp. 85-94.
- Clark, Andrew E. e Oswald, Andrew J. (1994). Unhappiness and Unemployment. *The Economic Journal*, 104(424), pp. 648-659.
- Eichhorn, J. (2013). Unemployment Needs Context: How societal differences between countries moderate the loss in life-satisfaction for the unemployed. *Journal of Happiness Studies*, 14(6), pp. 1657-1680. <https://doi.org/10.1007/s10902-012-9402-y>
- Helliwell, John F. e Huang, Haifang (2014). New measures of the costs of unemployment: Evidence from the subjective well-being of 3.3 million Americans. *Economic Inquiry*, 52(4), pp. 1485-1502.
- Mikucka, Małgorzata (2014). Does Individualistic Culture Lower the Well-Being of the Unemployed? Evidence from Europe. *Journal of Happiness Studies*, 15(3), pp. 673-691.
- Theodossiou, I. (1998). The effects of low-pay and unemployment on psychological well-being: a logistic regression approach. *Journal of Health Economics*, 17(1), pp. 85-104.
- van der Meer, Peter H. (2014). Gender, unemployment and subjective well-being: Why being unemployed is worse for men than for women. *Social Indicators Research*, 115(1), pp. 23-44.
- Winkelmann, Liliana e Winkelmann, Rainer (1997). Why are the unemployed so unhappy? Evidence from panel data. *Economica*, 65(257), pp. 1-15. <https://doi.org/10.1111/1468-0335.00111>